

Apresentação da edição dedicada às *Jornadas Internacionais de APOLa* de São Paulo - 2025

JOÃO FELIPE DOMICIANO

O que nos une enquanto comunidade?^{1 2} Anualmente nos reunimos para buscar responder essa questão: nas Jornadas Internacionais encontramos um momento privilegiado para acompanharmos os resultados e avanços do trabalho investigativo, individual ou coletivo, dos sócios que compõem a comunidade global de APOLa. Nesse sentido, as Jornadas servem como uma espécie de bússola institucional, oferecendo um panorama do que nos move, como nos move e, especialmente, para onde nos move, trazendo notícias dos passos por vir.

A cada Jornada busca-se reiterar um ponto elementar: APOLa é uma *associação* de analistas com firme ênfase na *pesquisa* – uma pesquisa de orientação científica – no campo da psicanálise. Pelo fato de ser composta por *sócios*, ela já traz em seu cerne a noção de que cada elemento do conjunto seja um par aos demais, um pesquisador instado a dialogar em uma comunidade horizontal – sem títulos ou nomeações que produzam uma hierarquia artificiosa no interior da franca interlocução. Formada, portanto, por pesquisadoras e pesquisadores de mais de uma dezena de países, um dos objetivos centrais de APOLa é justamente fomentar o debate crítico de ideias e fortalecer um discurso científico no interior do movimento psicanalítico.

Sua orientação fundadora poderia ser sintetizada na seguinte questão: *como estruturar um campo de pesquisas que vá além da simples repetição do que já está dado?* Mesmo que avancemos apenas um grão de areia dentro do vasto arcabouço teórico da psicanálise, trata-se de um avanço essencial – que nos guia para além de uma inércia da mesmice, das ladainhas infinitamente iteradas em nosso campo. É a partir dessa aposta que reconhecemos no horizonte a ideia de uma “psicanálise por vir”.

Enquanto um alicerce institucional, o “método de APOLa” se define pela organização do debate em torno de um documento de consensos conceituais. É nele que procuramos explicitar e esclarecer certas definições, de modo a direcionar melhor a interlocução. O Programa de Investigação Científica – o conhecido PIC – funciona, assim, como uma espécie de carta de navegação para nossos diálogos. Claro, neste encontramos discordâncias e críticas dentro da própria instituição; mas essas discordâncias ficam melhor situadas e delimitadas graças ao esforço de contínua sistematização e clareza conceitual. Afinal, toda instituição possui, de algum modo, sua carta de consensos – ainda

¹ Este texto é uma versão das palavras de abertura das Jornadas Internacionais de APOLa, sediadas em São Paulo em novembro de 2025.

² A comissão editorial da Revista *O rei está nu* é composta por Fauzy Araújo, João Felipe Domiciano, Stéphanie Furtado e Linsei Oishi.

que implícita. A diferença é que, em APOLa, busca-se de modo contínuo especificar formalmente os termos que orientam a argumentação e sustentam a pesquisa.

As Jornadas de São Paulo,³ cujos trabalhos encontram-se dispostos neste volume especial de *O Rei está nu*, começaram a ser concebidas ainda nas Jornadas de Brasília, em 2023, quando a sede São Paulo era apenas uma jovem sede, com menos de um ano de existência.⁴ A escolha por São Paulo teve, claro, vantagens logísticas importantes, pela estrutura que a cidade oferece para colegas que vêm de outras partes do país e do mundo. Mas, mais do que isso, a escolha nos colocou, enquanto instituição, em um *ambiente de alta densidade de confronto de ideias*.

São Paulo é uma megalópole com uma vasta tradição psicanalítica, marcada pela presença de inúmeras instituições, escolas e pesquisadores autônomos que compõem a dinâmica e histórica cena local. Não seria difícil a qualquer psicanalista mencionar entre dez e quinze instituições sérias, com centenas de participantes cada – dentre as quais tivemos colegas de vários destes espaços presentes em nossas Jornadas.

Tal contexto, portanto, nos insere diretamente nos debates mais candentes ao nosso campo. Sabemos que são muitos os desafios atuais da psicanálise no Brasil e além dele, e alguns desses desafios apareceram de forma direta nos trabalhos inscritos neste volume.

Ainda assim, diria que a própria disposição ética e política de construir um espaço de debate franco de ideias – com a finalidade de formar uma comunidade crítica de pesquisa em psicanálise – já opera, por si só, no tratamento de alguns dos problemas mais agudos que enfrentamos hoje.

Destes problemas urgentes, nomeio apenas quatro:

1. **A mercantilização da psicanálise:** que desloca o trabalho de pensamento para a forma mercadoria, abrindo mão do rigor e de sua função social. Em tempos de hiperoferta de cursos rápidos e indolores sobre a teoria e técnica psicanalíticas, acompanhamos no meio digital uma proliferação de marcas e slogans a confundir contribuição ao campo com autopromoção, assim como misturam o extenso e particular percurso de *formação* com o *consumo* imediato e evanescente destes conteúdos – isso quando não chegam às promoções de *blackfriday*.
2. **A seitização dos coletivos psicanalíticos:** um efeito grupal que resiste à pluralidade de pontos de vista, de entendimentos teóricos, ensimesmando seus membros nos muros de autorreferência e validação. A seitização traz consigo dialetos epistêmicos fechados, assim como uma aversão – de tonalidade paranoide – ao dissenso e à diferença.

³ As Jornadas foram organizadas por uma comissão formada em 2025 composta por: Amanda Escobar, André Bogaz, Cleison Andrade, Gabriel Bartolomeu, Gustavo Granja, João Felipe Domiciano, Linsei Oishi, Lourena Schiavon, Luiz Fernando Botto, Marianna Flamarion, comissão esta sob a coordenação geral de Pedro Fonseca.

⁴ Nesse processo, contamos com a valiosa contribuição das Comissões organizadoras das edições anteriores: de Brasília e de La Plata – nomeio aqui, especialmente, Karime Colares, Flávia Dutra, Haydée Montesano e Juliana Saratiegui, que tiveram papel decisivo nesse processo.

3. **A pasteurização da teoria psicanalítica:** esse movimento de simplificação excessiva que, em nome de uma clara transmissão (motivo digno em certos contextos), acaba por diluir a complexidade e a profundidade próprias da teoria e da prática. Seja internamente (entre pares), seja ao grande público, a preocupação com a forma não deveria nos confundir com o completo rechaço às contradições, difíceis nuances e obliquidades que por vezes encontramos na construção de novos olhares à teoria psicanalítica. O fantasma da “cama de Procusto” ainda assola os meios psicanalíticos.
4. **O enrijecimento da psicanálise em seus cânones:** quando deixamos de revisitar nossos fundamentos em diálogo com as transformações sociais, culturais e, por que não, subjetivas do momento presente. Um risco é secundarizar o tensionamento epistemológico enquanto condição dialética de avanço teórico, submetendo-nos à simples reprodução de novas e relevantes análises vindas de disciplinas vizinhas – como a sociologia, filosofia, antropologia, os movimentos feministas e decoloniais. *Reproduzir* não é levar adiante o trabalho contínuo necessário à ideia de interterritorialidade científica. Isso não significa, porém, que não possamos “antropofagizar” esses saberes – a exemplo dos primórdios da entrada da psicanálise em solo brasileiro – e assim bem dimensionar seus ecos à teoria psicanalítica.

Todos esses problemas se enfraquecem, e mesmo começam a se dissolver, quando criamos espaços profícuos de diálogo e confronto de ideias. Espaços que não apenas acolhem divergências, mas fazem delas um meio de manter a psicanálise viva, pulsante e à altura de seu tempo.

Ficamos com os votos de que o encontro com os frutos das Jornadas neste volume seja produtivo, que o leitor encontre algumas boas respostas, mas acima de tudo, que saia com novas perguntas.

Boa leitura.

JOÃO FELIPE DOMICIANO

Psicanalista. Editor responsável pela atual edição de *O rei está nu*.

Foi diretor de APOLa São Paulo no ciclo 2023-2025.

E-mail: domicianojoaofelipe@gmail.com